



Agostinho da Silva, Lina Bo Bardi e o Brasil

*Roberto Pinho**

Apresentação

Roberto Costa Pinho nasceu em Salvador, Bahia, em abril de 1937. Conheceu o Professor Agostinho da Silva e Dona Lina Bo Bardi no final dos anos 1950 e início dos anos 1960 no extraordinário ambiente cultural do período da gestão do Reitor Edgard Santos, na Universidade da Bahia (depois, Universidade Federal da Bahia – UFBA). Iniciou sua colaboração com o professor Agostinho no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da mesma universidade, entre 1960 e 1961. Durante esses anos, embora prioritariamente envolvido com o professor Agostinho, acompanhou de perto, junto com Vivaldo da Costa Lima, Glauber Rocha e outros, as realizações de Dona Lina, particularmente, a implantação do Museu de Arte Popular do Nordeste, no Unhão. Desde então, foi possível compreender as semelhanças profundas, embora por caminhos diversos, entre as visões convergentes sobre o Brasil, de Agostinho e Lina. Em 1962, convidado pelo professor Agostinho, foi seu assistente no Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP), da Universidade de Brasília (UnB), a partir do qual coordenou e implantou vários projetos, sempre voltados para o aprofundamento da compreensão da Cultura Brasileira, como a seguir: (1962 a 1964) Sistema dos Centros de Documentação Histórica do Brasil, o qual veio a se constituir, posteriormente, no Projeto Resgate do Ministério da Cultura; (1965 a 1972) Centro de Estudos do Recôncavo Baiano – Casa

* Palestra apresentada no Colóquio Internacional “Agostinho da Silva: Filosofia, milenarismos e utopismos luso-afro-brasileiros”, organizado pela Cátedra Agostinho da Silva de Estudos Humanísticos da Universidade Federal de Uberlândia, em parceria com o Instituto Camões, e com sessões decorridas nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021. O texto original da palestra foi inteiramente revisto para a presente publicação.

Reitor Edgard Santos e Casa Paulo Dias Adorno, nas Cidades de São Felix e Cachoeira, no Recôncavo Baiano; (1965 a 1971) Museu do Atlântico Sul, no Forte de São Marcelo, em Salvador. Do conjunto desse trabalho, resultou, em parceria com a Fundação Pelourinho, dirigida por Vivaldo da Costa Lima, o restauro de grande parte da Cidade de Cachoeira, a criação do Museu das Alfaias e a concessão à Cachoeira do título de Patrimônio Cultural Nacional. Em 1979, na condição de chefe da Casa Civil da Prefeitura Municipal de Salvador, sob o gestão do prefeito Mário Kertész, articulou o retorno de Dona Lina Bardi para Salvador, o que só veio a ocorrer em 1986, sob a gestão do mesmo Mário, então prefeito livre e democraticamente eleito, na qual ocupou a função de secretário extraordinário de Projetos Especiais. Essa foi a gestão à qual se deve a criação de vários projetos, a começar pela restauração do Centro Histórico de Salvador, conduzida por Dona Lina Bardi, com a participação do também arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, dos quais fazem parte o projeto modelo da Ladeira da Misericórdia, a Casa do Benin, a sede do Olodum, o Espaço Glauber Rocha. Todos esses, e outros, como a Fábrica de Cidades (FAEC), a Fundação Pierre Verger, iniciativa de Arlete Soares, a Fundação Gregório de Mattos, correlacionados entre si ao pensamento central que situa Salvador e sua história como cidade primordial insubstituível para a compreensão da construção do Brasil. Em 1969, em Portugal, durante alguns meses, articulou o retorno do professor Agostinho da Silva ao seu país de origem. Entre 1990 e 2000, foi presidente da Fundação Quadrilátero do Descobrimento, a partir da qual criou o Museu Aberto do Descobrimento, destacado projeto nas comemorações dos 500 anos do Brasil, oficializado por decreto do presidente Fernando Henrique Cardoso. Ainda nesse período, concebeu o Museu da Língua Portuguesa, que veio a ser desenvolvido e implantado, com a colaboração de Antônio Risério, a partir do Ministério da Cultura, em 2003, quando ocupou a função de assessor especial do ministro da cultura e, em seguida, a de secretário de projetos do Ministério da Cultura (Minc), ocasião em que articulou a criação da Cátedra Agostinho da Silva na Universidade de Brasília.

Palestra

Pretendo abordar aqui como entendo:

Primeiro: de que modo os pensamentos de Agostinho da Silva e Lina Bo Bardi sobre o Brasil convergiram;

Segundo: quais os antecedentes que levaram ambos à compreensão da existência de dois brasis;

Terceiro: como essa convergência se deu, apesar do distanciamento entre estas duas diferentes trajetórias;

Quarto: como o Brasil os tocou tão profundamente, a ponto de se nacionalizarem brasileiros.

Quando o professor Agostinho da Silva, com 38 anos de idade, e o arquiteto Lina Bo Bardi, com 32, chegam ao Brasil, não é de um Brasil como o de hoje, claro, que estamos falando. É de um outro Brasil. Um outro Brasil que provocou o encantamento e o comentário de admiração da Lina, ao avistar, pela primeira vez, a costa brasileira, chegando pelo mar. Ela descreveu depois: “Vista do navio, a enseada de Copacabana, a Baía da Guanabara, o Ministério da Educação e os outros edifícios, estavam todos quase colados na floresta. Dali da floresta emanava um odor que chegava até à bordo”.

Podemos imaginar que, durante séculos, esse foi o sentimento que se apoderou da maioria daqueles estrangeiros que avistaram a costa do Brasil pela primeira vez. É um sentimento que está muito claro na Carta de Pero Vaz de Caminha, descrevendo a costa do descobrimento no sul da Bahia; e também nas muitas manifestações posteriores dos navegadores e viajantes que visitaram o Brasil a partir de então.

Nos anos 1940, década em que Lina e Agostinho avistaram o Brasil pela primeira vez, nossa natureza e nossas cidades ainda guardavam aquele encanto, aquela paisagem, que trazia a marca essencial do Brasil e dos brasileiros. O equilíbrio entre a natureza e o patrimônio construído.

Dos 41 milhões de brasileiros, apenas 8 milhões moravam nas cidades; 33 milhões estavam no campo. Era basicamente um Brasil rural centrado em si mesmo. Com uma presença forte da cultura popular que

produzia alimentos e bens de consumo essenciais para seu próprio abastecimento, assim como bens simbólicos da sua rica vida cultural. Arte, arquitetura, artesanato, música, danças, poesia, escultura, pintura, rituais, linguagens e comportamentos típicos, tudo sendo criado e produzido de norte a sul, de leste a oeste, do vasto território brasileiro. Era o Brasil pré-urbanizado, pré-industrial, que quase se bastava a si mesmo, circunscrito pelas suas fronteiras.

Lina o definia como o Brasil manual, que aconteceu desde as origens até 1960, em contraposição ao Brasil industrializado, que começava a existir. A partir de 1950, estava próximo o início do grande êxodo rural que mudaria substancialmente a fisionomia de todo o país.

Nossos personagens chegaram a tempo de assistir e participar dessa grande transformação cultural do Brasil. Transformação profunda: geográfica, histórica, econômica e política. Transformação sobre a qual escreveria Lina, em 1961, resumindo o essencial do seu pensamento sobre a cultura brasileira:

O Brasil está conduzindo, hoje, a batalha da cultura. Nos próximos dez, talvez cinco anos, o país terá traçado os seus esquemas culturais, estará fixado numa linha definitiva: ser um país de cultura autônoma, construída sobre raízes próprias, ou ser um país inautêntico, com uma pseudocultura de esquemas importados e ineficientes. [...] O Brasil, hoje, está dividido em dois: o dos que querem estar a par [quer dizer na moda, *up do date*, como dizem], [aquele Brasil] dos que olham constantemente para fora, procurando captar as últimas novidades para jogá-las, revestidas de uma apressada camada nacional, no mercado da cultura, e o [Brasil] dos que olham dentro de si e à volta procurando faticamente nas poucas heranças duma terra nova e apaixonadamente amada, as raízes duma cultura ainda informe para construí-la com uma seriedade que não admite sorrisos.

Sessenta e cinco anos após, lidas neste momento, estas palavras adquirem uma realidade assustadora.

Agostinho da Silva, já em 1958, com esse mesmo pensamento, num texto sobre a cultura brasileira, aponta para a falta de originalidade do que aparece fora do Brasil como representação de suas possibilidades. Diz que aqueles que tomam conhecimento do Brasil apenas pelos escritores mais famosos, pelos conferencistas ou pelos professores universitários, acham que estamos apenas copiando Europa ou América, sem nenhuma espécie de originalidade e, sobretudo, sem dar as novas esperanças que a cultura brasileira traria no seu corpo.

O mais grave é que essa imitação tem traços de uma caricatura involuntária. Afirma que tanto a Europa propriamente dita, como o seu prolongamento, ou agravamento, que é a América do Norte, desejariam ver essas novas esperanças surgirem nalgum canto do mundo e estariam como que preparadas, por um conjunto de circunstâncias, a tomá-las do Brasil. E acrescenta: tomada no conjunto, a cultura do Brasil vive ou com saudades da Europa ou tendo por meta a realização americana.

Agostinho chega ao Brasil em 1944 e Lina em 1946. O Rio de Janeiro, por exemplo, não tinha ainda o Parque do Aterro do Flamengo, que promoveu uma revolução urbana na capital de então. Que modificou completamente a fisionomia antiga do Rio. Ainda estava para acontecer a mudança da capital para Brasília. Para o Planalto Central do Brasil, desconhecido e distante. A indústria automobilística estava apenas no começo. E, em breve, começariam os “Cinquenta anos em Cinco”, prometidos pelo presidente Juscelino Kubitschek. Tampouco havia se instalado o império das poderosas Redes de Televisão, que iriam causar fundas transformações nas mentalidades brasileiras.

Estariam Lina e Agostinho, por uma via desconhecida para nós, numa sincronia tão marcante com esse momento de transformação do Brasil, para chegarem exatamente nesse período? Ambos, em potencial, traziam na bagagem de suas respectivas culturas, grandes ideias para esse novo país que iria nascer:

Agostinho, entre outras realizações, a Exposição do IV Centenário da cidade de São Paulo, em 1954, ao lado de Jaime Cortesão e muitos outros historiadores; o Centro de Estudos Afro-Orientais, na UFBA, em 1959; o

Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, na UnB, em 1962; e também o Museu do Atlântico Sul, em 1965, na Bahia.

Lina Bo Bardi realizaria em São Paulo, em 1957, o Masp; o Museu de Arte Popular no Solar Unhão, na Bahia, em 1959; o Centro de Convivência Sesc Pompeia, em 1977.

Certo é que, devem ter partido do Velho Mundo para este Novo Mundo, carregados de expectativas e curiosidades. Com que visão do mundo chegam ao Brasil?

Por mais cultos e informados que fossem em relação ao Brasil – especialmente Agostinho, por razões óbvias: Portugal e Brasil falam a mesma língua e têm histórias profundamente entrelaçadas – na prática, o Brasil é uma realidade distante, desconhecida, quase inconcebível para ambos.

Daí o choque de realidade inicial, que supomos tenha acontecido; o espanto com as ordens de grandeza da extensão territorial, com a geografia, com a população. Mas não só. O impacto da vida tropical, do brilho das cores; a exuberância da natureza, os sons ampliados. Toda a gente falando alto. O contato com a força da nova realidade cultural, então, deve ter provocado uma surpresa considerável.

Como denominador comum na partida de ambos, sem dúvida, está o fim da Segunda Guerra Mundial e suas consequências físicas e morais. Embora Portugal tenha sido fisicamente menos prejudicado que a Itália.

Agostinho e Lina são dois jovens adultos que vêm da mesma difícil experiência de vida universitária, de formação acadêmica, de início de vida profissional e de militância política, sob o fogo das ditaduras fascistas de Salazar e de Mussolini, culminando na segunda grande guerra na Europa. Vinham das ruínas da guerra. Digamos que a velha Europa os expulsou, cada um a seu modo, em direção a um mundo novo. Em direção ao Brasil. Com pensamentos e perspectivas diferentes, sem dúvida, mas postos na expectativa da reconquista da liberdade.

Ainda que sejam procedentes de um espaço sócio-político comum denominado Europa, culturalmente as diferenças são profundas. Poderiam as duas penínsulas mediterrâneas, a Ibérica e a Itálica, serem culturalmente abrangidas sob essa denominação de Europa?

Portugal foi o primeiro Estado Nacional da história da Europa, já no século XII. Entretanto, a unificação da Itália, o *Risorgimento*, dá-se apenas na segunda metade do século XIX. Portugal esteve para Roma, mais ou menos, como o Nordeste do Brasil está para São Paulo. E isso tem profundas implicações existenciais e na visão histórica de Agostinho, como na de Lina, o que não impediu uma espantosa convergência, como veremos, no modo como ambos compreenderam o Brasil.

Na conquista da Ibéria pelo Império Romano ou, depois, com a decadência da nação portuguesa que se seguiu ao período das descobertas, Portugal sempre esteve marginalizado como uma região de segunda classe na Europa. Isolado num canto da Península Ibérica. Ao contrário da Itália, isto é, dos vários reinos que compunham a Península Itálica antes da unificação que, desde Roma, manteve uma influência decisiva na formação cultural da Europa.

Na visão histórica de Agostinho, a Ibéria, constituída em camadas por povos de várias origens – principalmente pelos mouros que a ocuparam durante quase 800 anos –, não é Europa. A Europa situa-se além dos Pireneus.

Agostinho chega ao Brasil tendo já uma sólida formação em Filologia Clássica e Teoria da História. Tem um profundo conhecimento sobre a cultura portuguesa em todos os aspectos de sua constituição: históricos, geográficos, filológicos, sociais e políticos.

Com 23 anos já havia feito o doutorado pela Faculdade de Letras do Porto. A partir de então, e até 1944, quando vem para o Brasil, publica inúmeras obras, cursa a Sorbonne e o Colégio de França, escreve assiduamente para os principais jornais da época, participa de movimentos culturais e políticos importantes, realiza uma ampla atividade educacional dirigida ao povo português das camadas sociais mais necessitadas, polemiza frontalmente com o conservadorismo católico. Em decorrência sobretudo dessa atividade educacional e polêmica, é preso e encarcerado pela ditadura de Salazar.

Nossa querida romana, Lina Bo, nasceu, cresceu, desenvolveu-se e se formou numa outra atmosfera cultural, marcada pela forte presença da herança clássica. O mundo das artes, da tradição e da alta cultura. O berço da Renascença.

Desde sempre alimentada e cercada pelo ambiente cultural italiano, Lina traçou seu rumo em direção às artes: ao patrimônio histórico-

arquitetônico, à observação dos monumentos, ao universo do artesanato italiano e do design. Formou-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma. Desde muito jovem militou nas causas culturais, sociais e políticas, nos movimentos sindicais, ingressando na resistência, com o Partido Comunista.

Lina chega ao Brasil cerca de dois anos após Agostinho. Estão diante da mesma realidade cultural, social e política da década de 1940. E vão mergulhar de corpo e alma nessa realidade. Vão mergulhar de corpo e alma no Brasil. A ponto de, voluntariamente, ambos adotarem oficialmente a nacionalidade brasileira.

A porta de entrada no Brasil, tanto para Agostinho quanto para Lina, é o Rio de Janeiro. Embora, pouco tempo a seguir, tenham transferido-se para São Paulo.

Salvo o período de maior estada na cidade do Salvador, entre 1958 e 1963, no qual alternava sua permanência entre Salvador e São Paulo, Lina fixou-se em São Paulo.

Agostinho da Silva, embora tendo permanecido períodos prolongados na cidade de São Paulo, circulou e atuou em muitos outros Estados do Brasil e no Distrito Federal. No Rio de Janeiro, na Paraíba, em Pernambuco, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, na Bahia, em Goiás e em Brasília.

É importante notar que, tanto no período em São Paulo, quanto no período em Salvador, apesar de estarem residindo e trabalhando na mesma cidade, e até na mesma instituição, como foi o caso da Escola de Teatro da Universidade da Bahia, Agostinho e Lina nunca tiveram mais que uma aproximação social. Apesar de muitos amigos em comum, como Martin Gonçalves, o aluno Glauber Rocha, Vivaldo da Costa Lima – especialmente Vivaldo, que sendo muito amigo da Lina veio a ser um dos mais importantes membros da equipe do Agostinho no CEAO –, nunca aconteceu uma convivência significativa entre ambos. Talvez haja contribuído, para isso, o estilo de vida voltado quase exclusivamente para os respectivos projetos, com pouco espaço para a vida social, comum aos dois.

Para ambos, a descoberta da cultura nordestina, por vias diferentes, mas paralelas, foi um fator de grande poder transformador. Nesse ponto,

sem que nunca tivessem acontecido trocas pessoais, está a convergência do pensamento de ambos sobre a importância do Brasil, da cultura popular brasileira, do povo brasileiro. Num sentido amplo, arriscaria até afirmar, aqui, que essa convergência tem inclusive um nome próprio: Antônio Conselheiro (Ouso supor que, do mesmo modo que o nome do Preste João o foi para a cultura portuguesa, na antecipação das viagens de descobrimento, do caminho das índias e da Ilha Brasil).

A cultura clássica – a Filologia Clássica – como já dissemos, foi a base da formação de Agostinho da Silva. Sua militância era a cultura universal e o desenvolvimento dos povos da ecúmena, com especial concentração na Península Ibérica e na formação de Portugal.

As realidades histórica, filosófica, escatológica, até mesmo apocalíptica e simbólica, das culturas envolvidas pela língua e a cultura portuguesas, foram, digamos assim, a cena principal na qual Agostinho se movimentou durante a vida toda.

Suas percepções sobre o destino final do homem e do mundo, construídas a partir da sua própria experiência histórica no espaço luso-ibérico, confirmaram-se, ampliaram-se e aprofundaram-se enormemente quando chegou, conheceu e vivenciou a realidade brasileira.

Suas teses históricas sobre um destino profético de um Portugal mental, espiritual e universal tinham seus fundamentos nos inúmeros milenarismos que buscavam a concretização de um Eldorado sobre a Terra. Um paraíso terrestre real, muitas vezes localizado e, até mesmo, cartografado numa ilha a que davam o nome de Brasil, a partir do século XIII, nos mapas da época. Uma utopia social que viria a influenciar importantes pensadores até às portas da Idade Moderna.

São ideias, profecias e convicções filosóficas de inspiração sacralizante, que podemos sintetizar na obra de Joaquim de Flora e na de muitos outros célebres poetas, escritores e criadores como Camões, Fernando Pessoa, Antônio Vieira, Bandarra e outros. Ou em ordens religiosas como a dos Franciscanos Espirituais e, finalmente, pela sociedade portuguesa do século XIII, imensamente influenciada pelo Culto Popular do Espírito Santo, criticado pela Igreja Católica como heterodoxo e conducente à heresia. Tudo

isso teve grande implicação na expansão mundial realizada pelas grandes navegações e a descoberta de outros povos, o que culminou com aquilo a que chamamos hoje de globalização. Essas influências, circunstâncias e fatos extraordinários é que marcam o início da Idade Moderna, no alvorecer de 1500 e, portanto, no começo do processo de composição do Brasil.

A chegada de Agostinho da Silva ao Brasil foi, para ele, como a revelação de um Portugal expandido. Uma redescoberta do seu Portugal, aprofundado e enriquecido. A concretização de algo essencial oculto no potencial da própria alma de Portugal desde suas origens, agora desabrochado e revelado pela mistura com outros povos de origens diferentes, mas igualmente milenares: a cultura indígena e a cultura africana.

Foi como se contemplasse a descoberta de um novo povo no mundo. Um novo humano. Uma nova criação. Que só poderia ter acontecido quando a cultura de língua portuguesa se abrisse ao mundo, às outras culturas e se misturasse com elas.

A constatação de que o herético Culto Popular do Espírito Santo havia se expandido pelos mais remotos cantos do Brasil e continuava vivo e celebrado, todos os anos, levou-o à confirmação das suas convicções mais caras do destino profético revelado por Joaquim de Flora.

Se, por um lado, o messianismo de Antônio Conselheiro é um legado do povo português, perseguido e esmagado pela inquisição, degradedo depois para o Brasil, naquele momento em que abraçou o Culto Popular do Espírito Santo como desejo de liberdade, paz e justiça social; por outro lado, no Brasil, ele é o símbolo da luta inacabada do povo brasileiro contra a injustiça social, a opressão e o não reconhecimento da grandeza do seu destino e do seu futuro.

O esmagamento militar de Canudos pelas forças oficiais do governo no começo da República, carrega no seu bojo a mesma questão – não resolvida até a atualidade – da incompreensão do Brasil e da sua não aceitação pelos próprios brasileiros.

Não é por acaso que Lina Bardi resgata, dos porões incendiados do Teatro Castro Alves – onde instala sua ação inicial em Salvador –, uma escultura monumental de Antônio Conselheiro, esculpida num tronco de

jaqueira pelo escultor Mário Cravo, com os braços para o alto incitando à revolta, e a coloca sobre um pedestal no passeio público em frente ao teatro onde passa toda a gente.

Do mesmo modo que não é por acaso que, ao anoitecer, o povo humilde de Salvador – aquele povo que habita o Brasil popular, o Brasil profundo, o Brasil do Culto do Divino – foi acender velas aos pés da escultura do Conselheiro. Santo canonizado pelo povo, não pela igreja oficial, aquela da inquisição que enviou os degredados para o Brasil como castigo; o povo do Culto Popular do Espírito Santo, do menino imperador que, uma vez coroado, solta os presos e distribui comida para todos.

É assim que se cruzam os séculos XIII, XIX, XX e XXI em Agostinho da Silva, em Lina Bardi e no Brasil.

Eu penso que, a partir daquelas velas acesas aos pés do Conselheiro, Lina adentra no Brasil profundo. Ela descobre a existência de um mundo novo a partir daquele povo. Um Brasil não reconhecido e ignorado pela chamada cultura erudita estabelecida e dominante a partir de São Paulo.

Respeitadas as devidas diferenças históricas, o povo nordestino liderado por Conselheiro, professa, em essência, as mesmas crenças do milenarismo do século XIII em Portugal, transportadas para o Brasil, as quais o Agostinho aqui reencontrou. Um Portugal esquecido e rejeitado pela mentalidade de grande parte dos portugueses modernos, que alienadamente se voltam para a Europa.

Lina era, na sua essência, uma revolucionária. Uma militante de esquerda que buscava a realização de uma utopia social mundial. A construção de um novo mundo descolado da ruína europeia que vivera e da qual emergira.

Ela via naquele Brasil, ao qual se referia como o Brasil manual, ainda preservado das contaminações europeias decadentes, a possibilidade da construção de uma nova sociedade descolada das doenças ocidentais. Ela via o Brasil como um processo de fusão de Oriente e Ocidente. Uma coisa completamente nova no mundo.

Sem, talvez, dar-se conta, até, de que através da chamada Carreira da Índia, que tinha uma parada obrigatória no porto de Salvador, essa fusão já tivera início desde o século XVI, com as influências marcantes da arte de

Goa e de Macau no barroco das igrejas do Recôncavo Baiano e das Minas Gerais. A mesma rota que levava para o Oriente a revelação da existência de outros povos e culturas, do outro lado da Terra.

Vislumbrando a possibilidade da construção de um Brasil inteiramente original – caminhando para a modernidade industrializada –, porém assentado nas raízes profundas da sua própria e vigorosa cultura, Lina se lança ao trabalho para realizar essa tarefa, particularmente na Bahia e no Nordeste, a partir do Museu de Arte Popular do Unhão e, junto a Celso Furtado, em inúmeras iniciativas de promoção da cultura nordestina. Uma proposta, nem sempre explicitada, de integrar às raízes autênticas do Brasil, a região sul-sudeste, de São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Devo finalizar fazendo uma observação que julgo cabível. Sem nunca se terem aproximado ao longo da realização dos respectivos projetos, Agostinho e Lina caminharam na mesma direção; trilharam os mesmos caminhos alimentando os sonhos que os trouxeram para o Novo Mundo. A partir do mergulho no Brasil, Lina Bo Bardi teve muito mais a ver com o pensamento de Agostinho da Silva do que ela própria poderia imaginar e até admitir.

Data de registro: 23/01/2026

Data de aceite: 25/01/2026